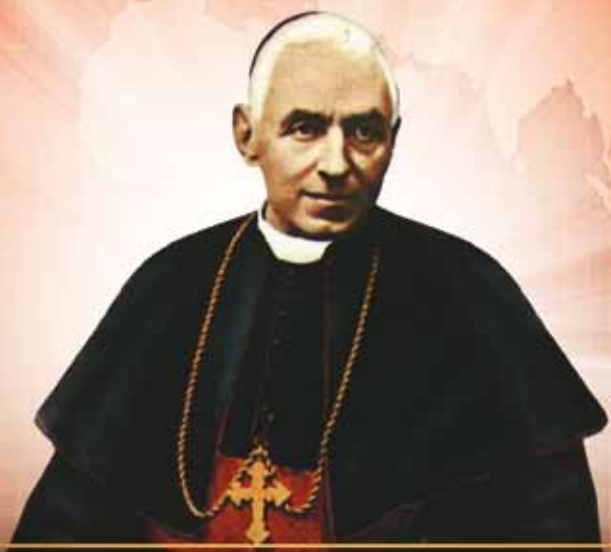




MINHA PÁTRIA É O MUNDO.

JOÃO BATISTA  
SCALABRINI



# **JOÃO BATISTA SCALABRINI**

Fundador das  
Congregações das Irmãs Missionárias  
de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas (mscs)  
e dos Padres Missionários  
de São Carlos Scalabrinianos (cs)

Porto Alegre, 1º de junho de 2011.

Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo -  
Scalabrinianas - Província Cristo Rei, POA/RS/Brasil



**CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS CRISTO REI**

Rua Castro Alves, 344 - Bairro Rio Branco  
90430-130 - Porto Alegre/RS/Brasil  
Fone/Fax: 0xx51 3334-1833  
cemcrei@cpovo.net www.cemcrei.org.br

**Responsável: CEMCREI**

**Elaboração do texto**

Rose Marie Mendes da Cunha, LMS  
Ir. Teresinha Zambiasi, mscs

**Colaboradores:**

Alvanir Rhoden  
Ir. Fátima Salvagni, mscs  
Ir. Maria Ana Cauzzi, mscs  
Ir. Maria de Lourdes Zambiasi, mscs  
Pe. Mario José Zambiasi, cs

**Diagramação e Arte**

Ir. Teresinha Zambiasi, mscs

**Impressão**

Comunicação Impressa  
Porto Alegre

## APRESENTAÇÃO

Este texto visa tornar conhecida a vida de João Batista Scalabrini, fundador das Congregações das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas (mscs) e dos Padres Missionários de São Carlos - Scalabrinianos (cs), também conhecidas (os) como Carlistas.

O Bem-Aventurado João Batista Scalabrini foi um bispo de incansável amor e não somente para sua Diocese. Homem do povo, de olhar atento, coração nobre, solidário, cheio de compaixão e caridade para com as pessoas de sua época, tinha como pátria o mundo.

Ao ver que seu povo deixava a própria pátria e migrava para as Américas, convidou e incentivou sacerdotes, irmãs, irmãos e leigos para acompanhar a travessia e o destino de todos os que partiam em busca de um futuro melhor e de uma vida mais digna.

A vida de João Batista Scalabrini foi pautada por uma forte personalidade, capacidade de liderança e ação, espírito de fé e oração e de ardente zelo na dedicação aos migrantes.

Essa profundidade no amor e no conhecimento da realidade migratória nos deixou o caminho aberto para a inovação referente ao mundo da Mobilidade Humana.

Que esse dinamismo do **ser-agir** de Scalabrini - fruto do Espírito de Deus - acompanhe todas as missionárias, missionários e leigos que se dedicam para que os migrantes “...tenham vida e a tenham em abundância” (cf. Jo 10,10).



O texto deste Livrete foi elaborado de uma maneira como se fosse Scalabrini contando sua própria história. É uma maneira diferente de apresentar a vida e obra de uma pessoa tão especial.

Amigo leitor, que o encontro com o coração de Scalabrini o torne mais amigo, mais acolhedor e generoso para com os migrantes, possibilitando-lhes, assim, realizar-se como cidadão e cristão.

# I MINHA HISTÓRIA

## 1. Nascimento

Nasci em Fino Mornasco, uma pequena aldeia no norte da Itália. Naquele dia 8 de julho de 1839, houve muita visita e muita festa na casa de minha família. Os amigos de meus pais foram felicitá-los e brindar o meu nascimento. Também houve festa na igreja paroquial, porque fui batizado no mesmo dia em que nasci. Meu pai, Luís Scalabrini, tinha um bar e armazém na pequena praça do povoado e, assim, conseguia sustentar minha mãe, meus irmãos e, agora, a mim também.



*Fino Mornasco, casa onde nasceu João Batista Scalabrini*

## 2. Minha família

Em casa éramos oito irmãos: cinco homens e três mulheres. Família grande, despesas grandes, vida apertada mas, apesar das dificuldades, uma família feliz, porque vivia com amor e com a graça do Senhor. Meus pais, Luís e Colomba Scalabrini, eram profundamente cristãos, cheios de fé e esperança em Deus.

Os valores religiosos e sociais foram crescendo e se fortalecendo em nossa família. Esse ambiente favoreceu minha fé e meu gosto pelas coisas de Deus. Assim nasceu também minha vocação sacerdotal. De minha mãe aprendi o amor pela Eucaristia, por Jesus Crucificado e pela Virgem Maria.

Eu tinha dois irmãos mais velhos - Antônio e José; e dois mais jovens - Pedro e Ângelo. Minhas três irmãs - Maria Madalena, Josefina Jacinta e Luísa - como a maioria das jovens de nossa terra, casaram e tiveram filhos. Dois dos filhos de Maria Madalena tornaram-se padres. Dos meus irmãos, Antônio se tornou comerciante e José emigrou, morrendo em um naufrágio nas costas do Peru.

Começou aqui, na minha família, a vivência dolorosa da emigração. Pedro também partiu e se fixou na Argentina. Este saiu-se muito bem, pois se dedicou ao ensino e à pesquisa de ciências, exercendo vários cargos no campo da educação e obtendo a cátedra de ciências naturais na Universidade de Buenos Aires.

Ângelo, por sua vez, formou-se em letras e filosofia e trabalhou no Ministério da Educação, tornando-se Inspetor Geral das Escolas Italianas no Exterior. Ele também me trouxe conhecimentos sobre a emigração.

### 3. Meus tempos de criança

Comecei os estudos do Ensino Fundamental na escola de Fino Mornasco. Para estudar no Ensino Médio, meus pais me mandaram para uma escola em Como, distante de casa 9 km. Devido a essa distância, ficava morando lá durante a semana, na casa de uma família amiga de meus pais, e voltava para casa aos sábados.

Então me reunia com meus amigos; brincávamos e eu lhes contava as coisas interessantes que tinham me ensinado e que via lá na cidade. Também gostava de contar as histórias da Bíblia que havia aprendido.

Em casa, aproveitava para contar tudo o que acontecera durante a semana em Como. Assim foi até eu completar o Ensino Médio. Depois disto, quando estava com 18 anos, comuniquei à minha família e aos meus mestres que queria ser padre. Todos eles me apoiaram e aprovaram minha escolha.

Entre para o Seminário, em Como, no ano de 1857. O curso durou seis anos e fui ordenado padre com 23 anos, em 1863.

### 4. Meus amigos

Desde pequeno tive grandes amigos e alguns me acompanharam pelo resto da vida. Um deles foi Luís Guanella, depois fundador da Congregação dos Servos da Caridade e que, no futuro, foi aos Estados Unidos para dar assistência religiosa aos emigrantes.

Outro grande amigo foi o padre Serafim Balestra. Ele se dedicou à educação dos surdos-mudos, inventando um método fônico para se comunicar com eles. Apreendi esse método, o que me permitiu quando criei um instituto para os surdos-mudos, poder trabalhar com eles e pela sua educação.

Também o abade e geólogo Antônio Stoppani era meu amigo. Tinha idéias modernas, defendia um catolicismo mais aberto que o daquela época e, por isso, muitas vezes precisei sair em sua defesa.



*Desde jovem, Scalabrini sentiu-se chamado a evangelizar.*

Há ainda outro nome que acompanha minha história por toda a vida - Jeremias Bonomelli. Conheci-o quando eu era reitor do Seminário e ele veio orientar uma semana de espiritualidade.

## 5. Meus estudos

No Seminário, estudei primeiro filosofia e depois teologia. Também gostava muito de estudar línguas e cheguei a aprender bem o latim, o grego e o hebraico. Apreendi também o francês, o alemão e um pouco de inglês. Mais tarde, estudei o português, para falar com os nossos migrantes.

## 6. Sacerdote: os irmãos estavam à minha espera

Fui ordenado sacerdote em 30 de maio de 1863. Queria me tornar missionário e anunciar o Evangelho em terras distantes, porém o bispo não concordou. Disse-me: “As tuas Índias são a Itália” e me enviou de volta ao Seminário, como vice-reitor e professor de História e Grego.

Ali trabalhei durante 7 anos. Nesse tempo, durante as férias, ajudei nas paróquias das montanhas da região e foi assim que acompanhei muitos movimentos de emigração do nosso povo para outros países da Europa.

Durante o verão de 1867, uma epidemia de cólera assolou a região e tivemos que amparar os doentes até que a doença fosse vencida. Para mim foi uma graça extraordinária de Deus ajudar aquela gente em tão difícil situação. Por isso, fiquei surpreso quando o governo italiano me condecorou pela minha atitude durante a epidemia. Eu nada mais fizera do que muitos outros, levado pelo meu amor aos necessitados.

Quando terminou a epidemia, o bispo me nomeou reitor do Seminário, onde fiquei mais três anos.



*“Uma graça extraordinária de Deus” foi como Scablirini considerou o serviço que prestou, em 1867, aos doentes atingidos pela epidemia de cólera que assolou a região de Como.*

## 6.1 Pároco: meu povo também me esperava

Em 1870, fui nomeado pároco da paróquia de São Bartolomeo, em Como.

Ali encontrei muito que fazer, pois a pobreza era grande na população: havia pouco trabalho, emprego e, como consequência, pouco dinheiro. Havia também grande necessidade na vida espiritual, no campo da catequese e da formação dos sacerdotes.

Para os pequenos (200 crianças), fundei uma creche e a confiei à minha irmã Luísa. Criei um Centro de Formação para a juventude, outro para os surdos-mudos e promovi a obra de São Vicente de Paulo para os idosos e doentes. Para amparar os trabalhadores, fundei uma Sociedade de Mútuo Socorro.

Procurei também cuidar da formação do meu povo, ensinando-lhe a Palavra de Deus em todas as ocasiões. Em 1872, fui convidado a fazer palestras sobre o Concílio Vaticano I (que se encerrara em 1870) na Catedral de Como. Essas palestras foram publicadas no ano seguinte, em italiano, francês e alemão.

Em 1876, indicado pelo Papa Pio IX, fui nomeado bispo de Piacenza, por Dom João Bosco e pelo bispo de Pavia.



30 de maio de 1863: ordenação sacerdotal de João Batista Scalabrini.



A vocação missionária de Scalabrini não foi abafada pela resposta do bispo: "Tuas índias são a Itália".

## 7. Bispo

Minha ordenação como bispo foi em Roma, no dia 30 de dezembro de 1876. Naquele mesmo dia, enviei ao povo de Piacenza uma carta, para ser lida em todas as igrejas da diocese. Nela eu afirmava meu modo de ver a responsabilidade que assumia:

*“Enviado, em primeiro lugar aos pobres e aos infelizes que carregam a vida na dor e na desolação, com eles sofrerei, esforçando-me sobretudo em auxiliar e evangelizar os pobres que, ricos de fé, foram escolhidos pelo Senhor como os primeiros herdeiros do reino, prometido por Deus àqueles que o amam.*

*Não recusarei fadiga alguma, no intuito de chegar a ser pai dos abandonados, mestre dos simples, guia dos sacerdotes e pastor de todos, a fim de que, fazendo-me tudo para todos, consiga ganhar todos a Cristo!”*

De fato, eu tinha essa concepção da missão de que fora investido. Temia não conseguir cumpri-la. Quando me informaram que eu fora um dos escolhidos pelo Papa para o episcopado, fiquei preocupado - temia enfrentar as dificuldades que se apresentariam a um bispo no exercício de sua missão, em uma época conturbada, e temia pela minha inexperiência de governo e pouca idade.

Porém, o Papa desejava exatamente sacerdotes jovens, com experiência pastoral e “fidelidade romana”, isto é, fidelidade ao Papa, a Roma, tanto nas questões da Igreja como nas questões sociais e políticas da época. Assim, aceitei a vontade de Deus e a autoridade do Papa. Deixei o meu povo de Como e fui conhecer o povo de Piacenza, onde eu prometia servir até o dia de minha morte.



*Primeiros anos de episcopado de João Batista Scalabrini.*

## 7.1 A diocese

Piacenza era uma grande diocese, formada por montanhas e planícies. Tinha cerca de 250.000 habitantes, agrupados em 366 paróquias. Havia vários padres, mais de dois por paróquia e com muito a fazer quanto à vida religiosa. Tanto o povo quanto os padres tinham uma grande necessidade de aprimorar o conhecimento da doutrina, fortalecer a fé dos fiéis e promover a aproximação entre os sacerdotes e o povo.

Em muitas paróquias, o povo não conhecia o bispo e, em algumas, havia muito tempo que não viam um bispo. Por isso, resolvi visitar cada paróquia da diocese, desde aquelas das cidades até às do mais distante vilarejo.

## 7.2 Visitas Pastorais

Acreditava que, para exercer bem a minha missão, precisava conhecer meu povo, suas condições de vida, suas necessidades e desejos. Precisava estar perto das pessoas e escutá-las. Por isso, comecei a visitar cada paróquia da diocese.

Nos meus 30 anos de bispado, visitei cinco vezes cada lugar de Piacenza; nas chamadas visitas pastorais, cada uma delas se estendendo por quatro anos ou mais. Segui assim o exemplo de São Carlos Borromeo, que tomei como protetor e modelo.

Iniciei a primeira visita, no mesmo ano de minha chegada, em dezembro de 1876, e terminei quatro anos depois. Visitei cada recanto da diocese; as paróquias da cidade e das planícies no inverno e as paróquias das montanhas no verão. Todos me acolhiam com alegria e festas.



*Scalabrini precisava estar perto das pessoas para escutá-las.*





*Scalabrini diante de Nossa Senhora, buscando forças.*

**“Buscava minha força de cada dia no exemplo de Nosso Senhor, no mistério da Cruz e da Eucaristia e na figura de Nossa Senhora. Buscava no seu exemplo a força para realizar a minha missão”.**

Essas visitas me deram grandes alegrias, pois pude ver e sentir o entusiasmo do povo, atender confissões, visitar os doentes, celebrar com os fiéis, estar no meio deles e consagrar igrejas. Conhecer as necessidades, as preferências, as atividades do meu povo foi de grande utilidade para mim. Desse conhecimento surgiram algumas das mais importantes iniciativas que tomei como bispo.

Por outro lado, vi também aos poucos renascer a vida cristã em Piacenza: o povo estava cultivando sua fé, a catequese florescendo e notava um forte progresso espiritual nos meus sacerdotes. Desde minha experiência no seminário e como pároco, via as necessidades do povo como tarefas a realizar e como bispo, sentia ainda mais o desafio da responsabilidade.



*Scalabrini em visita pastoral. Visita, escuta, atende, socorre o povo de sua Diocese.*

Encontrei no povo de Piacenza necessidades semelhantes às do povo de Como e do povo em toda a Itália: pobreza, ignorância religiosa, falta de instrução, de atendimento aos mais necessitados e trabalho. Diante de todo esse contexto parti, arregacei as mangas e comeci a missão como pastor daquele meu povo que o Senhor me confiara.

### 7.3 Catequese

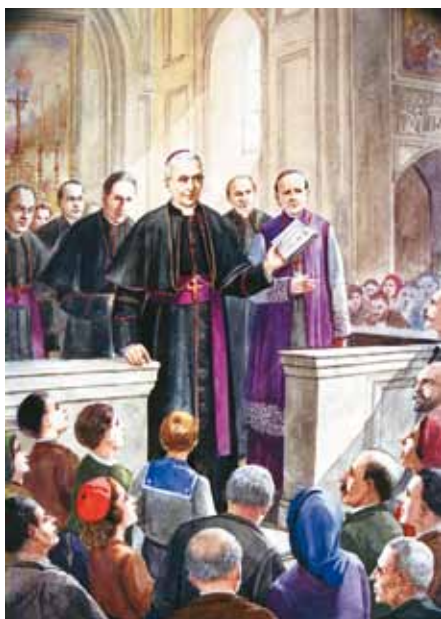
Primeiramente, cuidei da formação dos padres e também da instrução religiosa dos leigos, a partir da catequese.

Para os seminaristas, atualizei o ensino da filosofia e da teologia, introduzi o estudo das ciências humanas, os exercícios espirituais e os encontros periódicos. Restabeleci os Sínodos Diocesanos que não se realizavam há 156 anos. Com tais medidas, conseguimos uma grande renovação na vida cristã da diocese.

Para os leigos, organizei um programa completo de ensino religioso, com quatro níveis: iniciação ao catecismo, escola da primeira comunhão, escola da perseverança e catecismo dos adultos. Fiz publicar, em 1876, uma revista catequética - O Catequista Católico, e depois em 1877, um manual - o Catecismo Católico.

O resultado desse trabalho, um ano e meio depois que cheguei, resultou no aumento extraordinário no número de catequistas, de grupos de catequese, e na realização do Congresso Catequético Nacional.

O próprio papa Pio IX elogiou o trabalho e ele mesmo me presenteou com a cruz peitoral.



*A serviço da Palavra de Deus.*

### 7.4 A serviço da Palavra

Como professor, padre e bispo, sempre considerei como meu dever pregar a Palavra de Deus na liturgia - esse não era um hábito frequente naquela época. Também na catequese, sempre procurava estar presente nos encontros para estar junto com as crianças e os jovens.

Acreditava que a Palavra de Deus devia ser anunciada e, por isso, usei todos os meios de comunicação de que dispunha. Publiquei vários textos sobre os problemas da época e escrevi muitas cartas pastorais. Fundei um jornal na diocese, "O Amigo do Povo" que, no início, circulava semanalmente e depois passou a ser diário.

## 7.5 Servo de todos

O povo passava frequentemente por muitas necessidades: invernos rigorosos, seca que destruía as plantações, doenças e falta de trabalho. Nessas ocasiões, era necessário que todos se unissem para providenciar alimento, lenha e agasalhos para as famílias empobrecidas. Organizei, na diocese, comissões que se encarregavam do auxílio necessário. Elas foram tão eficientes que chegaram a alimentar diariamente três mil pessoas.



*Scalabrini distribuindo alimentos e agasalhos aos necessitados.*

**A caridade está acima de tudo!** Como estava inscrito em meu báculo, **“a caridade tem poder”**, e desse pensamento fiz a norma de meu governo.

Mesmo com a ajuda do povo, ainda faltava dinheiro para socorrer tanta gente. Um dia, precisei vender os cavalos de minha carruagem.

Então me perguntavam como iria andar sem a carruagem. Tive que lembrar-lhes: “À casa dos pobres, o bispo deve ir a pé, como fazia Jesus na Galileia e na Judeia”.

Mais adiante, chegou a vez do cálice de ouro que o Papa Pio IX me dera de presente, no ano anterior. Era a coisa de maior valor que possuía. Houve gente que estranhou esta minha atitude de vender um presente recebido do Papa, mas eu dizia: “Se o povo sofre fome, certamente Cristo vai preferir um cálice de latão a um cálice de ouro”.

## 7.6 Homem da reconciliação

A Itália da minha época não era como a Itália que vocês conhecem hoje; era uma porção de pequenos territórios, cada um disputando o poder sobre os outros. A própria Igreja tinha um grande território no centro da atual Itália: os Estados Pontifícios.

A luta pela unificação do país se prolongou até 1870, quando a nação se reuniu sob o comando do rei Vitério Emanuel e quando os Estados Pontifícios foram conquistados. Nesse ano nomearam-me pároco.

Essa situação atingiu também a Igreja e os padres. Os papas desse período - Pio IX, Leão XIII e Pio X - lutavam contra as ideias novas do



*Com o amigo, Jeremias Bonomelli, o bispo Scablurini promoveu o diálogo da Igreja com o mundo.*

liberalismo. Os católicos se dividiram em dois grupos: os que aceitavam algumas das novas ideias (os liberais) e os que combatiam essas novas ideias (os conservadores).

Eu defendia o diálogo e a compreensão, porque seriam mais benéficos para a Igreja, mas, ao mesmo tempo, tinha que obedecer ao Papa e calar-me.

O que fazer para conciliar minhas ideias com a posição da Igreja?

Acreditava que havia muitas coisas a fazer, seguindo os princípios do Evangelho e reunindo as forças vivas da Igreja e da sociedade.

Na minha experiência, busquei e encontrei uma realidade que, desde muito cedo, conhecera: a migração, os migrantes.

**Foi assim que, a partir de 1886, comecei a trabalhar em prol dos MIGRANTES.**

## II O APÓSTOLO DOS MIGRANTES

Nessa época de lutas políticas, o povo era a maior vítima, pois a vida econômica desorganizada trazia fome, escassez de comida, de trabalho e de terras. A produção agrícola era fraca, a indústria incipiente e os impostos pesados. Para muita gente não havia outra alternativa. A saída era roubar ou migrar.

### 1. Como tudo começou

Vocês sabem que, desde pequeno, eu me sentia no meio do povo. Quando me tornei padre, sempre estive ao lado dos mais pobres e doentes. Quando bispo, continuava ao lado deles. Em 1882, escrevi em minha Carta Pastoral: “é preciso participar da vida pública, servindo-se de todos os meios lícitos para o triunfo da verdade e da justiça”.

Era minha convicção que a Igreja deveria abrir-se ao meio social. Por isso, dizia sempre: “Devemos sair do templo, se quisermos exercer uma ação salutar dentro do templo”.

Conheci de perto o problema migratório durante a minha infância em minha família, pois três de meus irmãos haviam emigrado. Sabia de seus problemas e dos sofrimentos que haviam passado. Um deles, José, morreu em um naufrágio nas costas do Peru.

Quando bispo, eu via na maior parte das paróquias o mesmo fenômeno. A estação de Milão estava sempre cheia de pessoas que partiam para a América, em busca de uma nova oportunidade.

### 2. A Estação de Milão

Foi na estação de Milão que Deus tocou o meu coração, quando vi uma multidão de pobres, mal vestidos e mal nutridos, que aguardavam o trem para o exterior. Uma onda de sentimentos me invadiu o coração.

*“[...] vi o salão, os pórticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos [...]. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas; homens na flor da idade; senhoras que arrastavam os filhinhos atrás de si, ou os carregavam ao colo; [...] todos irmanados por um só pensamento e guiados para uma única meta[...].*

*Eram emigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália e, com trepidação, esperavam o trem que os levaria às praias do Mediterrâneo, donde zarpariam para a longínqua América.”*

*“Quem sabe quantas desgraças e privações os emigrantes tiveram que suportar para lhes parecer leve um passo tão doloroso!*

*Quantos deles, na luta pela vida, saíriam vitoriosos? Quantos perderiam até a fé de seus pais?*

*Ante um estado de coisas tão deplorável, sinto na face o rubor da vergonha, sinto-me humilhado em minha condição de sacerdote e de italiano, e me pergunto: o que fazer para socorrê-los?”*



*Estação Ferroviária de Milão, no tempo do Bem-Aventurado João Batista Scalabrini.*

### **3. Fui falar à sociedade**

Para socorrê-los, fui buscar parceiros, dentro e fora da Igreja. Era necessário divulgar as causas da emigração e conseguir que o governo regulamentasse as viagens dos emigrantes para o exterior, para protegê-los da exploração dos chamados “agentes da migração”; era necessário ampará-los na terra para onde iriam e não

deixá-los abandonados à própria sorte: em terra estrangeira, sem conhecer a língua e os costumes, dependendo de espertos aproveitadores.

Como a emigração era um fenômeno recente, nem o governo nem mesmo a Igreja sabiam o que fazer; as próprias pessoas que se interessavam nada sabiam da questão.

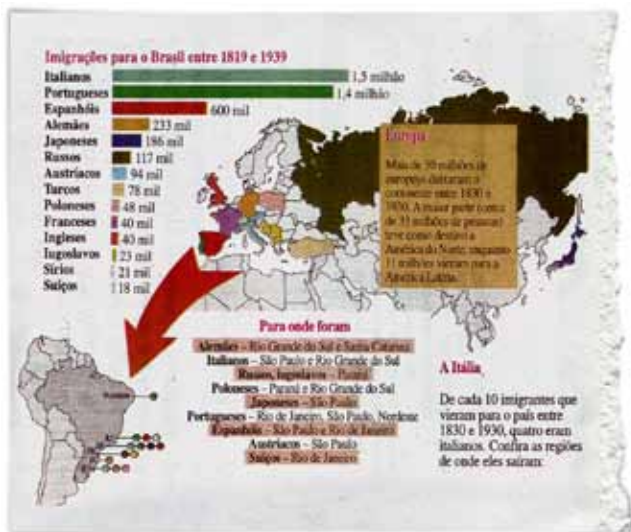
Comecei então a percorrer a Itália, fazendo palestras sobre a migração. Escrevi vários textos sobre o assunto. E, em cada cidade, organizei comissões locais de leigos, para prestarem apoio aos migrantes.

#### 4. O tamanho do fenômeno

O fenômeno migratório foi se ampliando até tornar-se um dos dramas mais graves da Itália. Um número cada vez maior de italianos, de todas as regiões da Itália, viu-se na necessidade de deixar o país.

Durante os 30 anos de meu episcopado - de 1876 a 1905 - emigraram quase 8.000.000 de italianos: 3.800.000 para a Europa, 1.771.000 para os Estados Unidos, 1.080.000 para a Argentina e 1.014.000 para o Brasil.

Esses milhões de pessoas eram recrutados por agentes inescrupulosos que os exploravam e os abandonavam quando chegavam ao seu destino.



Biblioteca do CEMCREI

Esse drama dos migrantes, eu o via como um “sinal dos tempos”, pelo qual Deus convidava à ação todos os homens de boa vontade da comunidade eclesial, para que não abandonassem os migrantes a si mesmos, mas os ajudassem a se tornar portadores de fé no mundo inteiro.

## ... IN AMERICA - na América

### Terra no Brasil para os italianos

*“Venite a costruire i vostri sogni con la famiglia”* = venham construir os vossos sonhos com a família.

“É um país de oportunidades.

Clima tropical, vida em abundância. Riquezas minerais.

No Brasil podereis ter vossa casa.

O governo vai dar terra e utensílios para todos.”



Um navio abarrotado de emigrantes italianos aguardando viagem para a América.



Imigrantes à espera do embarque, no porto de Gênova.



Imagem do grande êxodo.



Desembarque de imigrantes no Porto de Santos (SP), 1907.

## 5. Trabalhei junto à Igreja

Diante dessa conjuntura, a Igreja precisava organizar sua ação junto a esse povo que saía de sua pátria em busca de nova vida. Fazia-se necessária uma pastoral específica para todos os migrantes, de qualquer nacionalidade e em qualquer país que os acolhesse. Era preciso que a Igreja, do mesmo modo com que se dedicava à obra missionária entre os povos não cristãos, trabalhasse para preservar a fé dos cristãos que migravam.



*João Batista Scalabrini junto ao povo.*

Então comecei por mim, por Piacenza e assumi o Serviço Pastoral aos Migrantes. Junto à Santa Sé, continuei a defender que a Igreja criasse medidas concretas de auxílio aos migrantes, como a instituição de uma Comissão de Pastoral específica para eles.

Defendi uma autêntica política migratória e lutei por projetos de lei que trouxessem solução para esse problema da migração.

Em 1901, tive a felicidade de ver aprovadas, pelo Parlamento, muitas propostas que eu defendia.

Uma obra como a que eu me propunha requeria muitos braços, muitas cabeças e, sobretudo, muitos corações. Por isso, fundei uma Congregação de Padres Missionários, um movimento de leigos e

uma Congregação de Irmãs Missionárias.

Todos teriam como marca o acolhimento, a atenção aos necessitados, a convivência cotidiana com as famílias, para auxiliá-las a superar as adversidades e reconstruir suas vidas.

## 6. Os Missionários de São Carlos

A Congregação dos padres Missionários de São Carlos nasceu em 1887 e os primeiros foram Domingos Mantese e José Molinari. A celebração foi em Piacenza, na igreja Santo Antonino e a casa paroquial foi a primeira sede da Congregação.

Em seguida, muitos outros missionários e padres abraçaram a minha causa e a fizeram sua. Em 1888, o primeiro grupo partiu da igreja Santo Antonino: sete religio-



28 de novembro de 1887: fundação da Congregação dos Missionários de São Carlos.

soz destinados ao Brasil e três para Nova Iorque. Nos anos seguintes, à medida que a Congregação se tornava conhecida, os candidatos à missão continuavam a aumentar.

Em 1892, a Congregação mudou-se para uma nova sede maior que pudesse acolher todos os seus membros e, no mesmo ano, recebeu como patrono o Santo de Milão - São Carlos Borromeo. Na ocasião, escrevi a meus missionários:

*“De hoje em diante honrar-vos-eis com o nome de Missionários de São Carlos. Ele era um daqueles homens de ação que não hesitam, não se dividem, não recuam jamais; que, em tudo o que fazem, colocam toda a força da própria convicção, [...] tudo o que são, e vencem”.*

Eu estava convencido de que era necessária uma consagração religiosa definitiva. Com a aprovação do Santo Padre, em 8 de dezembro de 1894, festa da Virgem Imaculada, recebi pela primeira vez, os votos perpétuos dos missionários.

## 7. A Sociedade São Rafael

Em 1889, criei um movimento leigo a serviço dos migrantes; dei-lhe o nome de Sociedade São Rafael, em homenagem ao anjo que acompanhou o jovem Tobias em sua viagem. Constituí comissões em diversas cidades, em especial nas cidades costeiras, na Itália e no exterior. As mais ativas foram as de Gênova, Nova Iorque e Boston.

A Sociedade São Rafael promoveu a assistência religiosa e sanitária aos migrantes durante a viagem, abriu escolas para seus filhos, assegurou-lhes proteção legal e ajudou-os a superar as dificuldades para acomodar-se em terra estranha.

Para incentivá-los, disse-lhes: *“Leigos, também vós deveis ser apóstolos”.*

Deveis ser apóstolos, também vós, ó irmãos, isto é, homens de ação e sacrifício, zelosos pela honra de Deus e da Igreja, pela salvação das almas.

Podeis, vós, embora leigos, exercer, no pequeno mundo que vos circunda, o *apostolado da palavra*, usando uma linguagem que edifique, nas conversas, nas instruções, no corrigir. O *apostolado do exemplo*, professando abertamente, sem respeito humano, a vossa fé! O

*apostolado da caridade*, socorrendo os pobres, visitando os enfermos, consolando os aflitos, fazendo o bem a todos; o *apostolado da civilização*, cooperando na destruição do pecado, que torna miseráveis os povos e ao incremento da justiça que faz prosperar as nações! [...] (SCALABRINI *uma voz atual* - p.191).

## 8. As Missionárias de São Carlos

Para uma assistência mais completa aos migrantes, cujas necessidades se des-cortinavam cada vez mais urgentes, percebi que já não era suficiente uma congregação masculina e uma sociedade leiga. A presença de irmãs se fazia necessária junto às famílias dos migrantes. Tinha dificuldade de iniciar mais uma congregação, mas tive a ajuda inesperada de Pe. José Marchetti, um jovem missionário que,



25 de outubro de 1895: data de Fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de S.Carlos Borromeo - Scalabrinianas

em 1894, fizera duas viagens ao Brasil, acompanhando os emigrantes italianos como capelão. Depois da segunda viagem, Padre José Marchetti decidiu ficar em São Paulo, onde começou imediatamente a construir um prédio - um orfanato - para acolher os órfãos e as crianças abandonadas. Para isso, precisava de irmãs que cuidassem das crianças órfãs e as educassem.

Pe. José Marchetti voltou então a Piacenza em busca dessas religiosas. Foi na sua terra natal, onde conseguiu convencer sua mãe Carolina, sua irmã Asunta e mais duas jovens, Ângela Larini e Maria Franceschini para acompanhá-lo ao Brasil. Assim, em 25 de outubro de 1895, na capela episcopal de Piacenza, em cerimônia solene, todas fizeram os votos religiosos e receberam de minhas mãos a cruz missionária, símbolo de sua missão, e partiram para o Brasil.

Eu lhes disse naquele momento: *“Ide confiantes, filhas, mandar-vos-ei depois outras co-irmãs e vós retornareis para formar-vos e consolidar-vos no espírito religioso.*

*A ação dos sacerdotes não seria completa sem a vossa.*

*Há coisas que somente vós podeis conseguir, ó queridas irmãs.*

*Deus infundiu no coração da mulher uma atração toda particular com a qual exerce um poder misterioso sobre a mente e os corações.*

*Confio, portanto, que respondereis à graça de Deus que vos chama a uma terra longínqua para uma sublime missão.”*



### 9. Proteção e Bênção

Para acompanhar e proteger meus missionários e missionárias, escolhi São Carlos Borromeo como Patrono e Protetor, por ser um santo que viveu profundamente a humildade. Assim, entreguei o lema *Humilitas* para todos os Missionários e Missionárias, assumindo o compromisso de construir o Reino de Deus no mundo dos migrantes, especialmente dos mais pobres e necessitados.

## III MINHA OBRA SE ESPALHA

Em todo esse tempo, decorridos 20 anos desde que comecei a cuidar dos migrantes, os missionários, as missionárias e os leigos se multiplicaram e suas obras alcançaram milhões de emigrantes nas novas terras para onde foram.

Onde se fixaram, os imigrantes começaram sua vida, seu trabalho, mantiveram-se fiéis na sua cultura e na sua fé; construíram colônias, vilas, cidades; foram fator de riqueza para os países que os acolheram.

Tudo isso aconteceu devido ao acolhimento que receberam dos missionários e missionárias que emigraram com eles e com eles trabalharam, rezaram e edificaram. Para onde foram os emigrantes, lá estavam os meus missionários e missionárias.

Depois dos primeiros anos de trabalho e de sucesso, os missionários e as missionárias passaram por sérias dificuldades. Com a intervenção da Santa Sé e com a graça de Deus, as duas Congregações foram superando gradualmente suas dificuldades, retomando o entusiasmo pela vida missionária. Multiplicaram-se as vo-

cações, a vida religiosa floresceu e se expandiu além dos países de origem: Estados Unidos, Itália e Brasil.

## **1. Viajei aos Estados Unidos**

Os imigrantes e os missionários das comunidades italianas da América do Norte e do Brasil, e também os bispos, me convidaram repetidas vezes para visitá-los. Assim, em 1901, logo após celebrar meus 25 anos de bispo, decidi fazer-me migrante com os migrantes, missionário com os missionários, e parti para os Estados Unidos.

Embarquei no porto de Nápoles, depois de receber a bênção e a aprovação do Papa Leão XIII. Estavam comigo mil e duzentos emigrantes. A viagem durou 15 dias. Nesse tempo, convivi com todo esse povo, celebrei diariamente a eucaristia, dei aulas de catequese e conferi a primeira comunhão e a crisma a muitos jovens.

Desembarquei em Nova Iorque no dia 3 de agosto, onde a comunidade italiana me esperava com ansiedade. Visitei as duas igrejas da cidade confiadas aos padres italianos e, entre muitas atividades, preguei um retiro aos missionários.

Falando aos migrantes, disse-lhes: “Asseguro-lhes, filhos bem amados, que um coração de pai sempre o terá! [...] Posso garantir-lhes que sempre os amei e que suas alegrias são sempre as minhas, e seus sofrimentos, os meus.”

Mas não pude permanecer muito tempo ali. Tinha que ir encontrar meus irmãos italianos que estavam espalhados em uma grande parte do território americano. Quase todas as grandes cidades dos Estados Unidos tinham as suas colônias de italianos.

Ao todo, viajei por mais de 15 mil quilômetros. Fui recebido pelo presidente americano Theodore Roosevelt e apresentei-lhe as principais reivindicações dos emigrantes italianos ali radicados. Foram três meses de convivência com meus irmãos italianos e de atividades pastorais numerosas.

Em 14 de novembro, retornei para a Itália, onde cheguei 14 dias depois, para retomar minhas atividades rotineiras e recomeçar as visitas pastorais.

Essa viagem mostrou-me a importância da ação dos missionários junto aos imigrantes. Estes sofriam muita discriminação e enfrentavam muitas dificuldades, causadas pela diferença de língua, de cultura e de costumes religiosos. Recebi muitos elogios sobre os meus religiosos, dos imigrantes e das autoridades religiosas.

Foi uma alegria ver confirmadas na realidade as minhas ideias sobre a Pastoral aos Migrantes. Nossos irmãos precisavam de assistência e apoio nas novas terras, para não se sentirem desenraizados e não perderem as referências culturais e religiosas que faziam parte de sua história, até mesmo as raízes humanas, familiares e sociais.

De volta a Piacenza, comecei a pensar em viajar, desta vez, para o Brasil, para onde partiram mais de um milhão de italianos em busca de nova vida.

## **2. Fui também ao Brasil**

Finalmente, em 1904, pude partir para o Brasil, atendendo aos pedidos dos missionários lá radicados. Queria ver meus missionários, missionárias e meus emigrantes, incentivá-los na nova vida e fortalecê-los na fé. Parti do porto de Nápoles, em 13 de junho, dia dedicado a Santo Antônio; fui acompanhado de vários auxiliares e fortalecido pela bênção do Santo Padre Pio X. Um grupo de 500 emigrantes viajou comigo; metade italianos e a maior parte dos demais era formada por libaneses, maronitas e muçulmanos.

Enquanto navegávamos, eu fazia um relato detalhado de nossa viagem, registrando cada dia os principais acontecimentos. Aproveitei aqueles dias no mar, dias de espera, para desenvolver a catequese, celebrar a missa e preparar aquela gente, fortalecendo-a para os dias que viriam, para a nova vida da qual nada sabiam. Assim, preparei um grupo para receber os Sacramentos da Eucaristia e do Crisma antes de desembarcarmos.

Durante a viagem, procurei melhorar o português, falando diariamente com o senhor Alberto Graice, coronel brasileiro que viajava comigo e que ficava encantado pelo meu interesse por sua língua.

A bênção do Santo Padre Pio X, que me acompanhava cada dia, dava-me uma sensação de segurança e de serenidade, como não sentira na viagem anterior aos Estados Unidos.

Esta viagem foi mais incômoda, porque o mar esteve quase sempre muito agitado, a ponto de nos impedir muitas vezes de dormir à noite. Muitos passaram mal por causa do mar agitado e houve até brigas violentas. Mas, pela graça de Deus, tudo isso foi superado e eu mesmo sempre passei bem de saúde.

Chegamos ao Rio de Janeiro no dia 6 de julho. Cidade belíssima. Fui recebido pelo Arcebispo do Rio e, com ele, tratei dos assuntos de interesse dos imigrantes.

No dia 9 cheguei a São Paulo. O Bispo Dom José de Camargo Barros, os meus missionários, autoridades e muitos migrantes me acolheram.

Hospedei-me no Instituto Cristóvão Colombo, no Ipiranga, obra fundada pelo Pe. José Marchetti em 1895, para acolher crianças pobres e abandonadas. Meus compromissos foram intensos. Durante o mês que passei no estado de São Paulo, visitei diversas fazendas onde viviam os migrantes italianos, preguei, orientei retiros, crismei...

**No dia 5 de agosto de 1904, inaugurei a seção feminina do Instituto Cristóvão Colombo na Vila Prudente - que, logo mais, seria dirigido pelas Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas.** O grupo pioneiro de irmãs que



*Scalabrini em viagem à América*

chegou ao Brasil se entregou à missão junto aos pequenos órfãos e crianças abandonadas que Pe. José Marchetti trazia no Instituto Cristóvão Colombo, sempre mais numerosos.

Viajei também ao Rio de Janeiro, Niterói e Espírito Santo. E, daqui, sempre de navio, dirigi-me para o Paraná, nas cidades de Paranaguá e Curitiba. Minha residência foi em Santa Felicidade de onde visitava diariamente as colônias italianas vizinhas e distantes. Depois de 15 dias de permanência em Santa Felicidade, embarquei, em Paranaguá, passando por Florianópolis, até o porto de Rio Grande.

No dia 10 de setembro, estava em Porto Alegre. Dali parti para Encantado, a primeira paróquia Carlista no Rio Grande do Sul. Fui recebido com entu-

siasmo; realizei diversas crismas, visitei outras colônias de migrantes nas circunvizinhanças: Nova Bassano, Garibaldi, Veranópolis, Bento Gonçalves e Caxias do Sul.

Retornei a Porto Alegre, de onde viajei para Buenos Aires. Fazia 36 anos que não via meu irmão Pedro, desde que ele partira de casa. Estive com ele e sua família apenas três dias, por causa das datas de partida dos navios. Embora breve, o encontro me proporcionou grande alegria ao revê-lo. Na capital Argentina, procurei conhecer a colônia italiana e ver a possibilidade de fundar ali uma casa da Sociedade São Rafael.

Em todos esses lugares, pude ver como a obra de nossos missionários era importante para os imigrantes. Em toda a parte, via-se uma diversidade de organização de nossos irmãos e, em muitos lugares, progresso social e econômico a atestar a capacidade do imigrante.

Registrei com detalhes toda a nossa viagem e, de tudo o que vi, recebi grande conforto, pois o bem que nossos missionários e irmãs estavam semeando entre os imigrantes italianos confirmava a intuição de muitos anos de minha vida e o trabalho de nossa pastoral. Também aqui no Brasil vi, com meus olhos, confirmada a excelência de nossa missão.



*Registro da INAUGURAÇÃO DO ORFANATO Vila Prudente - SP  
por João Batista Scalabrini - 05 de agosto de 1904.*



*João Batista Scalabrini, na primeira fila, no centro.*



1916 -1917  
Órfãs da seção  
feminina de Vila  
Prudente/São  
Paulo.  
(As menores)

Presença  
das Irmãs  
Missionárias  
de São Carlos  
Borromeo -  
Scalabrinianas no  
Orfanato.

### 3. O Retorno da Viagem

Retornei à Itália e a Piacenza em dezembro do mesmo ano, depois de seis meses de ausência, visitando os emigrantes no exterior.

Na volta, comecei a programar a sexta visita pastoral à diocese. Também comecei a organizar o segundo Congresso Catequético Nacional. Da mesma forma, enviei à Santa Sé um memorial, pedindo a instituição de uma Comissão Central em favor dos emigrantes católicos de todo o mundo.

Entretanto, sentia-me muito cansado e fraco. Meus auxiliares e amigos insistiam para que desistisse da visita pastoral programada. De fato, eu me sentia sempre mais doente. As constantes viagens que fizera pela diocese a cavalo e as últimas para a América e para o Brasil, haviam agravado a hidrocele (doença da próstata) que me acompanhava há muitos anos.

### 4. Estou pronto, Senhor, partamos!

Em maio de 1905, os médicos resolveram submeter-me a uma cirurgia mas, depois dela, fui piorando sempre mais e a dor continuava aumentando. Dizia aos meus amigos: “Sinto-me tão cansado que me parece morrer!”

No dia 27 de maio, confessei-me e passei a noite em adoração diante da Eucaristia. Depois, no dia 31, recebi os últimos sacramentos. A seguir, despedi-me dos meus amigos, dos meus sacerdotes. Recebi a bênção especial do Papa Pio X e me acolhi ao abrigo do amor de meu Senhor: “Senhor, estou pronto, partamos!”

Assim, no dia 1º de junho, festa da Ascensão do Senhor, pouco antes das 6 horas da manhã, adormeci no Senhor.



Os sinos da cidade, naquela manhã, anunciaram ao povo da cidade a subida de Jesus ao céu e também o encontro definitivo de seu bispo com o Pai.

Aos funerais de Scalabrini aconteceu todo o povo da diocese, pois, muitas vezes, nos seus trinta anos de episcopado, ele visitara seu povo e este, agora, queria também vê-lo, ainda que pela última vez. Ele fora um pastor que se fizera querido pela sua bondade e pela sua dedicação infatigável. O Bispo foi enterrado no cemitério de Piacenza.

Em 1909, seu corpo foi transladado do cemitério para a catedral da cidade de Piacenza. Seu túmulo é constantemente visitado pelos fiéis. Sua obra junto aos migrantes se consolidou e se expandiu; sua figura de bispo inovador para sua época deixou lições de amor, bondade e caridade. Dizia ele: **“Acima de tudo, a caridade”**.



*João Batista Scalabrini, morre como um santo.*

## IV SEU LEGADO

A voz de João Batista Scalabrini se calou. Agora falamos nós, seus devotos amigos, aqueles que abraçaram a sua causa, pois esta se alargou, se expandiu, ultrapassou as fronteiras da Itália, ganhou o mundo e, hoje, está presente nos lugares onde o drama humano dos povos assume contornos dramáticos.

A migração, hoje, assume as dimensões planetárias que Scalabrini havia profetizado. Ele compreendia o fenômeno migratório como um “bem para a humanidade, ao abrir caminhos novos para o comércio, para a difusão das descobertas científicas e industriais”, promovendo a colaboração e a participação dos povos na construção de um mundo novo e como meio de propagação da fé em Deus e em Jesus Cristo.

### 1. Sua ação pastoral foi inovadora

Como bispo, Scalabrini introduziu as práticas que acreditava serem as melhores e que eram novidade no seu tempo. Estar no meio de seu povo, ele mesmo participar da catequese, visitar cada casa e cada aldeia, fazer o sermão da missa dominical eram coisas pouco conhecidas na sua época, praticadas por poucos bispos, ainda que determinadas pela Igreja.

Scalabrini foi um homem que marcou a época. Incomodou os acomodados, interferiu na realidade, deu respostas às questões de seu tempo e arrastou atrás de si os corajosos!

### 2. O Patrono

As atividades pastorais de Scalabrini se inspiravam também no exemplo do Patrono que escolhera para si mesmo e para seus missionários e missionárias – São Carlos Borromeo, que fora um dos primeiros bispos a seguir as normas do Concílio de Trento e Dom Scalabrini o admirava por isso.

Mas, certamente, a primeira inspiração como modelo Scalabrini a copiava de seu Senhor Jesus Cristo que andava no meio do povo, falava do Reino e visitava suas casas; Jesus, que formou um grupo de seguidores especiais - os apóstolos - para difundirem sua doutrina.

### 3. Os migrantes

Scalabrini foi pioneiro na atenção aos migrantes. Deixou a seus seguidores a missão de continuar a amá-los, acolhê-los e protegê-los. Sua obra se consolidou e se expandiu. Criados na Itália para servir nos Estados Unidos e no Brasil, os missionários e missionárias scalabrinianas se multiplicaram nas mais diversas realidades e, hoje, estão presentes em 41 nações.

Scalabrini viu, nas suas viagens aos Estados Unidos e ao Brasil, o florescer das colônias fundadas pelos imigrantes italianos. Aqui no Brasil, visitou-os no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul. A maior parte dos italianos se instalou em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

#### 4. O começo no Brasil

É interessante destacar o início em São Paulo, naqueles anos do final do século XIX - 1894 e seguintes.

Em meados de 1894, o jovem Padre José Marchetti que se ordenara em 1892, pediu a Dom Scalabrini para se ligar à obra missionária scalabriniana como “missionário externo”, como capelão dos emigrantes que partiam de Gênova.

Pe. Marchetti fez uma viagem em 1894 e outra em janeiro de 1895, quando se ligou definitivamente à causa dos migrantes e se fixou em São Paulo. Um



*Orfanato Cristóvão Colombo*

mês após sua chegada, em 15 de fevereiro, deu início à construção do Instituto Cristóvão Colombo, destinado a abrigar os órfãos e crianças abandonadas.

Scalabrini conta:

*“O modo pelo qual se iniciou o orfanato em São Paulo foi quase prodigioso. De fato, um Jesuíta prometera a Pe. José Marchetti conseguir ajuda de um homem caridoso, Dr. Vicente de Azevedo.*

*No mesmo dia, ansioso por agir, Pe. José Marchetti embarcou em um trem para visitar um lugar que lhe haviam indicado, mas descobriu que não tinha dinheiro suficiente para a passagem. Constrangido, pediu ajuda a um passageiro, contando-lhe o motivo da viagem. Este senhor ofereceu-se para lhe mostrar um outro terreno, melhor, sobre a colina do Ipiranga. Ao ver o lugar, Pe. Marchetti entusiasmou-se muito. Seu companheiro, então, disse-lhe: “Agrada-lhe? É seu.” E deu-lhe o terreno. O homem se apresentou: era Dr. Vicente de Azevedo, aquele de quem o jesuíta falara a Pe. José Marchetti.*

*No dia seguinte, a doação foi regularizada. Além do terreno, também o material de construção foi doado. Iniciada em janeiro, a obra teve rápido progresso. Em outubro de 1895, Pe. José Marchetti foi à Itália em busca de irmãs que pudessem cuidar das crianças. Ainda em outubro voltou com 4 irmãs, entre elas sua mãe e sua irmã Assunta. O Instituto começou abrigoando 80 órfãos que Pe. José Marchetti acompanhou até dezembro de 1896, quando morreu vitimado de tifo, que havia contraído nas fazendas do interior”.*

O Instituto foi a primeira das inúmeras obras dos missionários scalabrinianos.

A mão de Deus abençoa aqueles que entregam sua vida ao bem dos outros. Isto

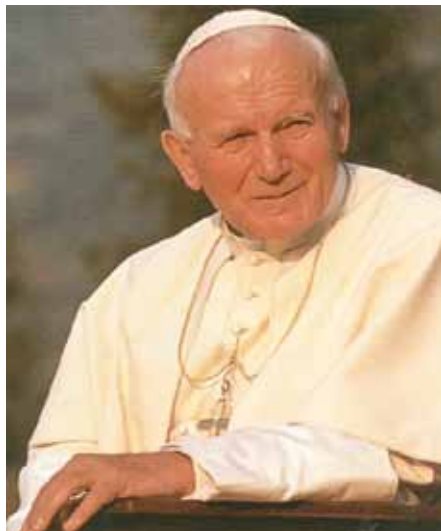
explica como Pe. José Marchetti conseguiu recursos para levar adiante a obra do Orfanato Cristóvão Colombo, a ponto de, em 1904, apenas 9 anos depois, Scalabrini ter encontrado já o prédio que abrigava, na ocasião, 250 órfãos. Desde sua fundação, foi ali abrigado, educado e encaminhado para uma profissão, grande número de crianças e jovens.



## BEATIFICAÇÃO

No dia 09 de novembro de 1997, o Papa João Paulo II proclamou Bem-Aventurado o Servo de Deus, Dom João Batista Scalabrini. A presença de grande número de peregrinos fez com que a celebração se realizasse na Praça São Pedro. Nesse dia o papa, na sua homilia, salientou a figura e a missão do novo Bem-Aventurado, dizendo:

*“Scalabrini, profundamente enamorado de Deus e extraordinariamente devoto da Eucaristia, soube traduzir a contemplação de Deus e do seu mistério numa grande ação apostólica e missionária, fazendo-se tudo para todos para anunciar o Evangelho. Esta sua ardente*



Papa João Paulo II

*paixão pelo Reino de Deus o fez zeloso na catequese, nas atividades pastorais e nas obras de caridade sobretudo em favor dos mais necessitados. Pelo seu amor para com os pobres e, em particular, para com os migrantes, ele se fez o apóstolo de muita gente que foi obrigada a sair de sua pátria, muitas vezes em condições muito difíceis e com o perigo de até perder a fé; dessa gente, Scalabrini se tornou o pai e o guia firme.*

*Podemos dizer que o Bem-Aventurado João Batista Scalabrini viveu profundamente o mistério pascal, não através do martírio, mas servindo ao Cristo pobre e crucificado presente nos mais necessitados e sofredores que ele escolheu com um coração autêntico e solidário de Pastor, como seu rebanho”.*

O Papa João Paulo II disse ainda:

O Bem-Aventurado João Batista Scalabrini é um autêntico Pai dos migrantes porque:

- sensibilizou as comunidades para uma acolhida aberta, respeitosa e solidária;
- batalhou vigorosamente por instrumentos legislativos e institucionais que garantissem a proteção humana e jurídica dos migrantes contra qualquer forma de exploração;
- foi portador de um coração nobre, autêntico e solidário, sobretudo com os migrantes. Por isso, na Estação de Milão contemplou, com ternura e compaixão, aqueles rostos queimados pelo sol, enrugados e abatidos pela vida ingrata que levavam;
- preocupou-se com os migrantes em todas as dimensões e os guiou com segurança, cuidando, sobretudo, para que não perdessem a fé no Deus de Jesus Cristo;
- toda sua vida - energia, olhos, mãos, pés, coração, intelecto - estava voltada aos migrantes que, revestidos de dignidade, preferiam migrar a roubar ou morrer de fome.

O Papa Bento XV, em apenas uma frase, definiu-o: “bispo cujo amor não era suficiente uma diocese”. Amor tão grande não podia limitar-se a ficar dentro das fronteiras da diocese. O coração de Scalabrini abraçava o mundo. Para ele, o bispo deve “colocar-se de joelhos, por assim dizer, diante do mundo e implorar, como uma graça, a permissão de lhe fazer o bem”.



*Presença  
Scalabriniana na  
Beatificação de João  
Batista Scalabrini  
em Roma. Dia de  
celebração e festa.*

**Nos dias de hoje, João Batista Scalabrini continua “vivo” através do trabalho dos sacerdotes, das religiosas e leigos missionários scalabrinianos no mundo.**



## ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA

Consiste em viver e testemunhar a face do Cristo Peregrino.

Em Mateus 25,35 encontramos fundamentos da Espiritualidade Carlista-Scalabriniana. Jesus mesmo ensina o jeito mais humano e digno de cuidar do migrante quando diz: “[...] *eu estava com fome e me deram de comer; eu estava com sede e me deram de beber; eu era estrangeiro e me receberam em sua casa*”. Essas palavras são um forte apelo e um desafio constante, para acolher todo aquele que chega e acompanhar aquele que parte.

Nossa espiritualidade é a do caminho. Somos desafiados a caminhar lado a lado com Jesus Peregrino, contemplando de forma consciente suas atitudes e gestos de acolhida. Ele abraça as crianças, perdoa a pecadora, vai em busca da ovelha que se perdeu e diz que precisamos fazer o mesmo que Ele fez. Sem ter um lugar para reclinar a própria cabeça, Jesus Peregrino partia, para evangelizar, fazer o bem, curar, contagiando as pessoas com seu jeito manso, justo e humilde de ser. Parece não cansar de caminhar na poeira das estradas, atravessando vales, rios, mares e subindo e descendo montanhas. Está sempre em movimento. É um Deus itinerante que se compadece com o sofrimento daqueles que andam esquecidos nas encruzilhadas do mundo.

Caminha com os discípulos de Emaús, aproxima-se deles e revela a felicidade completa na partilha do pão. Jesus é o modelo de migrante. Por isso diz com autoridade: *todas as vezes que você acolher um estrangeiro em sua casa é a mim que estará acolhendo*. Quando não acolhemos, nós ignoramos e rejeitamos o próprio Jesus Cristo, que se faz presente no migrante.

O rosto de Jesus Cristo Peregrino é cativante. Fala de esperança. Ensina que não podemos ficar presos ao provisório. Mostra que nossos pés precisam estar em marcha constante, acolhendo o Deus itinerante que está estampado em cada rosto humano.

Jesus Cristo Migrante, razão e fundamento de nossa espiritualidade, ainda pequeno, vive a experiência de migrante. Recém-nascido, é exilado ao Egito, forçado a migrar com seus pais, porque Herodes quer matá-lo. Partem para proteger a vida de Jesus.

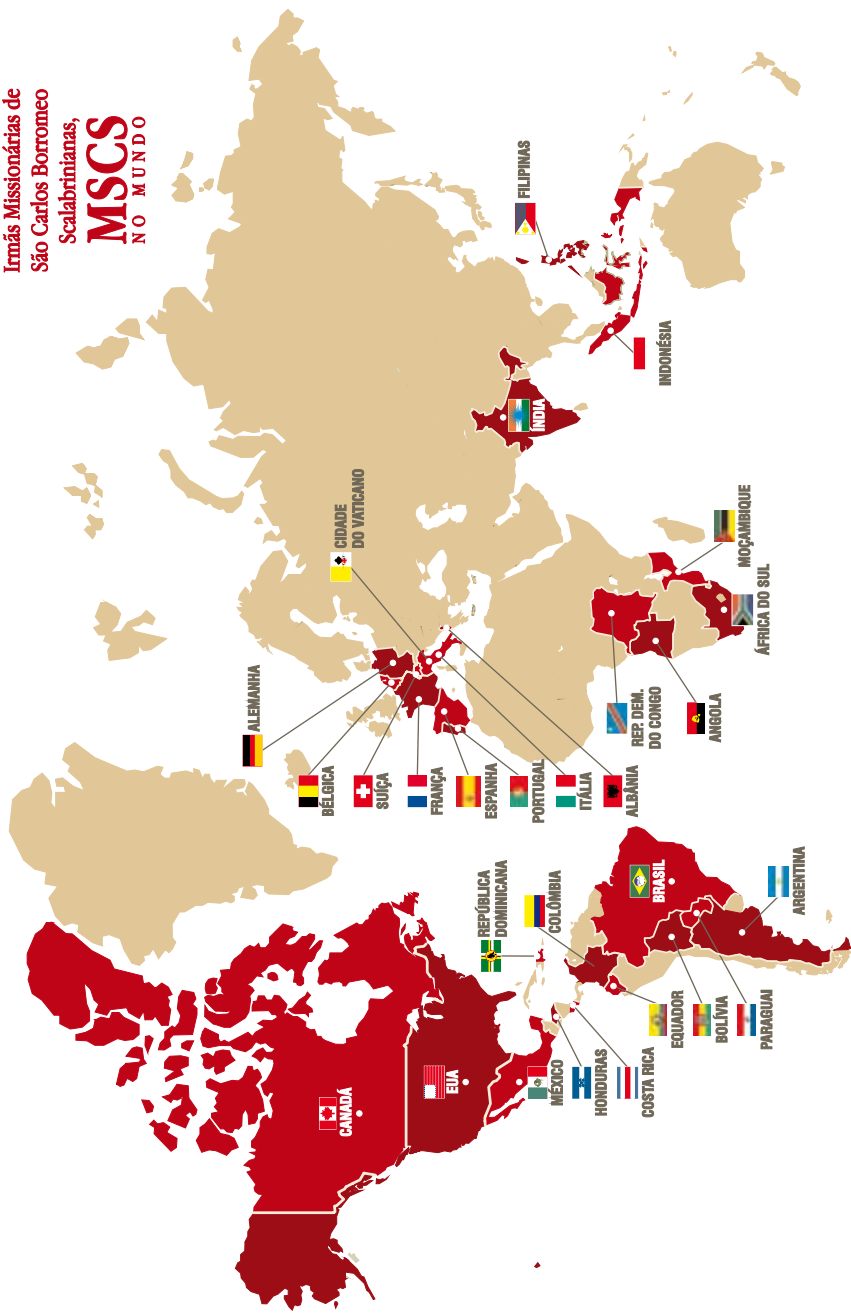
Toda sua existência é uma itinerância, tendo em vista a libertação e o resgate da dignidade humana.

Com Ele caminham seus discípulos, vivendo uma experiência de migração. Também nós, seguindo os passos de Jesus, precisamos nos tornar migrantes em busca de vida digna para todos.

Presença da Congregação das  
Irmãs Missionárias de  
São Carlos Borromeo

Scalabrinianas,

**MSCS**  
NO MUNDO



# ÍNDICE

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO .....                                    | 5  |
| I MINHA HISTÓRIA .....                                | 7  |
| 1 . Nascimento .....                                  | 7  |
| 2 . Minha família .....                               | 7  |
| 3 . Meus tempos de criança.....                       | 8  |
| 4 . Meus amigos.....                                  | 8  |
| 5 . Meus estudos .....                                | 9  |
| 6 . Sacerdote: os irmãos estavam à minha espera ..... | 9  |
| 6.1 Pároco: meu povo também me esperava .....         | 10 |
| 7 . Bispo .....                                       | 11 |
| 7.1 A Diocese.....                                    | 12 |
| 7.2 Visitas Pastorais .....                           | 12 |
| 7.3 Catequese .....                                   | 14 |
| 7.4 A serviço da Palavra .....                        | 14 |
| 7.5 Servo de todos .....                              | 15 |
| 7.6 Homem de reconciliação .....                      | 16 |
| II O APÓSTOLO DOS MIGRANTES .....                     | 17 |
| 1 . Como tudo começou .....                           | 17 |
| 2 . A Estação de Milão .....                          | 17 |
| 3 . Fui falar à sociedade .....                       | 18 |
| 4 . O tamanho do fenômeno .....                       | 19 |
| 5 . Trabalhei junto à Igreja .....                    | 21 |
| 6 . Os Missionários de São Carlos .....               | 21 |
| 7 . A Sociedade São Rafael .....                      | 22 |
| 8 . As Missionárias de São Carlos .....               | 23 |
| 9 . Proteção e bênção .....                           | 24 |
| III MINHA OBRA SE ESPALHA .....                       | 24 |
| 1 . Viajei aos Estados Unidos.....                    | 24 |
| 2 . Fui também ao Brasil.....                         | 26 |
| 3 . O Retorno da Viagem.....                          | 29 |
| 4 . Estou pronto, Senhor, Partamos! .....             | 30 |
| IV SEU LEGADO.....                                    | 31 |
| 1 . Sua ação pastoral foi inovadora.....              | 31 |
| 2 . O Patrono.....                                    | 31 |
| 3 . Os migrantes.....                                 | 31 |
| 4 . O começo no Brasil.....                           | 32 |
| Beatificação .....                                    | 33 |
| Espiritualidade Scalabriniana.....                    | 35 |
| Presença da Congregação no mundo.....                 | 36 |
| REFERÊNCIAS .....                                     | 38 |

## REFERÊNCIAS

CALIARO, M.; FRANCESCONI, M. **L'Apostolo degli emigranti, Giovanni Battista Scalabrini**. Milano: Editrice Ancora, 1968.

FRANCESCONI, Mario. **Giovanni Battista Scalabrini**. Roma: Città Nuova, 1985.

\_\_\_\_\_. **João Batista Scalabrini: pai dos emigrantes**. Caxias do Sul: São Miguel, 1971.

PONTIFICIO Consiglio della Pastorale per imigranti e gli Itineranti. **Il padre dei migranti**. Vaticano, 1997.

RIZZARDO, D. Redovino. **João Batista Scalabrini, Apóstolo dos Migrantes**. São Paulo - Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. **João Batista Scalabrini: Apóstolo dos Migrantes**. Porto Alegre: Solidus, 2007.

SCALABRINI, João Batista. **Por Pátria o Mundo**. Publicação da Família Scalabriniana no Brasil por ocasião da Beatificação de João Batista Scalabrini. Porto Alegre, 1998.

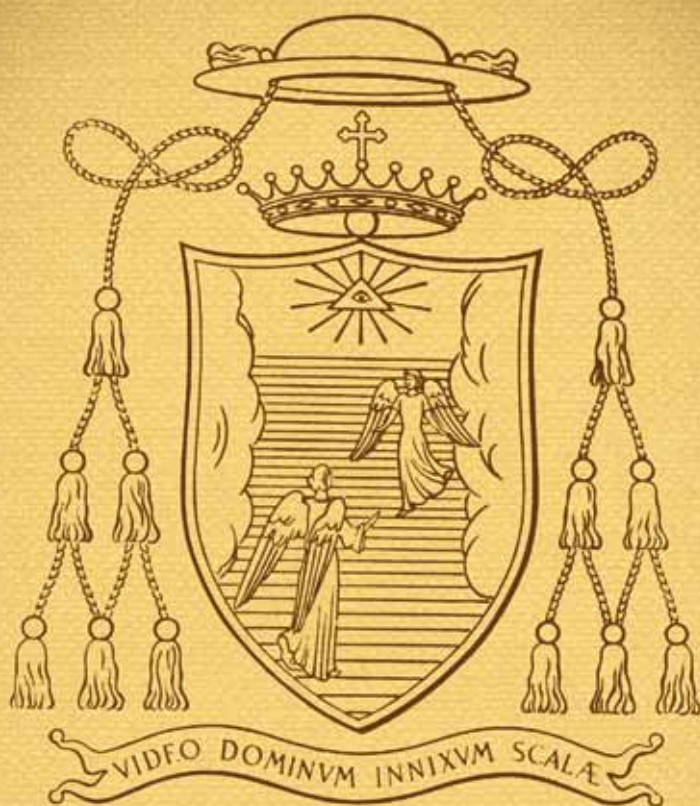
**João Batista Scalabrini.**

Disponível em: <<http://cultura.redescalabriniana.org>>

Acesso em: 15 nov. 2010.

Fototeca do Centro de Estudos Migratórios Cristo Rei - CEMCREI - Porto Alegre/RS/ Brasil.





O BRASÃO EPISCOPAL DO BEM-AVENTURADO SCALABRINI  
É A "ESCADA DE JACÓ", COM UM ANJO QUE SOBE  
E OUTRO QUE DESCE, E COM A LEGENDA:

**VEJO O SENHOR NO TOPO DA ESCADA.**

E Scalabrini o interpreta assim: há necessidade de contemplação  
(=anjo ascendente) para uma ação verdadeiramente rica de  
graça de Deus a ser distribuída aos homens (=anjo descendente).